



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

SANDRO MARCELINO PATRÍCIO

TEORIA E PRÁTICA EM KARL MARX: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA

CAMPINA GRANDE – PB
2014

SANDRO MARCELINO PATRÍCIO

TEORIA E PRÁTICA EM KARL MARX: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA

Trabalho de Conclusão de Curso, Artigo Científico, apresentado para a graduação do curso de Licenciatura Plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Msc. José Cristóvão de Andrade.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P314t Patrício, Sandro Marcelino
Teoria e prática em Karl Marx [manuscrito] : uma relação dialética / Sandro Marcelino Patrício. - 2014.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. José Cristovão de Andrade,
Departamento de Filosofia".

1. Marxismo 2. Dialética 3. Temporalidade 4. Materialismo
I. Título.

21. ed. CDD 335.4

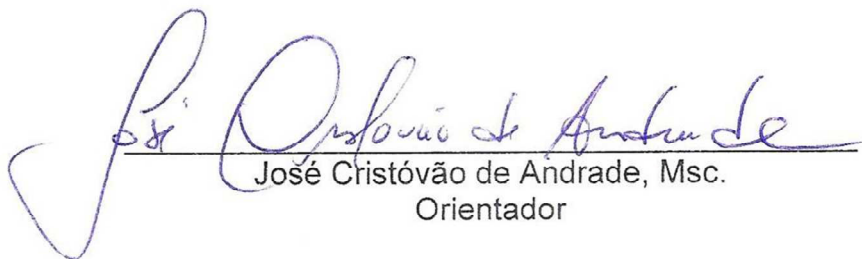
SANDRO MARCELINO PATRÍCIO

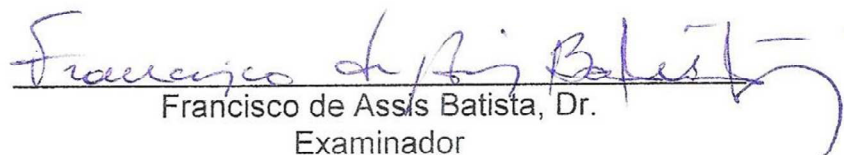
TEORIA E PRÁTICA EM KARL MARX: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA

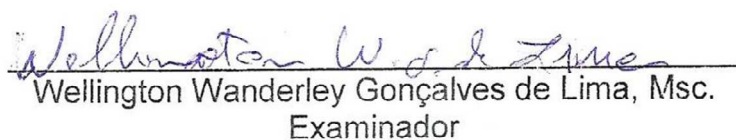
Trabalho de Conclusão de Curso, Artigo Científico, apresentado para a graduação do curso de Licenciatura Plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: 09 / dezembro / 2014

BANCA EXAMINADORA


José Cristóvão de Andrade, Msc.
Orientador


Francisco de Assis Batista, Dr.
Examinador


Wellington Wanderley Gonçalves de Lima, Msc.
Examinador

A Beatriz e Ariane, por representarem muito em minha vida.

Dona Bernadete, Conceição, José, Aparecida e Davi.

À memória de Bento Patrício.

A Bibi.

À memória de Leandro Konder.

Ao trabalhador que, mesmo com sua mão suja do labor cotidiano, encontra tempo para estudar e significar sua história de vida.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador José Cristóvão de Andrade, que, através de sua atenção e capacidade teórica, juntos conseguimos evoluir em nossos propósitos iniciais e concluir esta pesquisa.

Aos professores do curso e à UEPB.

Ao professor José Arlindo de Aguiar, coordenador do TCC.

Ao professor Valmir Pereira, coordenador do curso.

Aos professores membros da Banca Examinadora, Francisco de Assis Batista e Wellington Wanderley Gonçalves de Lima.

Ao professor Jomar Ricardo, chefe do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais.

A Jussara Bélen, chefe-adjunta do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais.

A Kallina Jales, secretária da coordenação do curso.

Aos colegas e companheiros de curso.

TEORIA E PRÁTICA EM KARL MARX: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA

Sandro Marcelino Patrício¹

RESUMO

O presente artigo objetiva desenvolver uma reflexão sobre a teoria e a prática, a partir do pensamento dialético desenvolvido por Karl Marx, e relacionar a dialética marxista com a sua base hegeliana. Faz-se uma abordagem com foco na temporalidade de acontecimentos históricos e sua relação com o conceito marxista de luta de classes, problematizando a partir dos fatos históricos levantados por Engels. Pretende-se contribuir para o enfoque da teoria e da prática, analisando o pensamento dialético de Hegel e sua relação teórica com as formulações dialéticas de Karl Marx, para entendermos os princípios epistemológicos do marxismo, que tem como ponto central a ação revolucionária. No campo da evolução dialética, foi apresentada a tríade das ideias de Hegel, Feuerbach e Marx, relação imprescindível para entendermos o materialismo histórico no seu aspecto evolutivo. A partir deste ponto, abordamos que a evolução dialética da teoria para a prática é uma questão de temporalidade, ou seja, histórica. Dentro deste contexto, problematizamos a questão do positivismo que se insere dentro da discussão da cientificidade das ciências sociais. Quanto aos objetivos, a pesquisa é de cunho exploratório e em relação à técnica, foi utilizado o método bibliográfico, com base na dialética marxista e hegeliana.

Palavras-chave: Dialética. Marxismo. Temporalidade. Materialismo. Idealismo.

1 INTRODUÇÃO

Karl Heinrich Marx nasceu em 5 de maio de 1818, em Treves, no Sul da Prússia Renana, região situada hoje na Alemanha, nas fronteiras com a França. Sua família era de origem judaica, seu pai, Hirschel, era advogado e Conselheiro de Justiça, em 1824, abandonou o judaísmo, batizando-se com o novo nome de

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Filosofia, Universidade Estadual da Paraíba; graduado em Licenciatura Plena em História, Universidade Estadual da Paraíba.

Heinrich, era afeito à leitura dos livros dos ideólogos da Revolução Francesa, Lessing, Voltaire e Rousseau. Terminando o curso Secundário, em Treves, Marx matriculou-se na Universidade de Bonn, com a intenção de estudar jurisprudência. Em julho de 1836, Marx matriculou-se na Universidade de Berlim, afastando-se, cada vez mais, do Direito e apaixonando-se pela História e pela Filosofia. Sua mãe, Enriqueta Pressburg, apesar de descendente de rabinos, não exerceu sobre o filho forte doutrinação, habitual nas famílias judaicas, e não teve nenhuma influência intelectual sobre sua formação.

Anos mais tarde, ao ver o seu filho Karl Marx enfrentando grandes dificuldades materiais para escrever o livro *O Capital*, a senhora Henriette Marx, em seu utilitarismo cru, observou-lhe que ele teria feito melhor se, ao invés de escrever *O Capital*, tivesse se dedicado a ganhá-lo (KONDER, 1998, p. 12).

No ano de 1837, em carta ao pai, Marx relata as suas convicções e sua oposição ao idealismo hegeliano, pensamento dominante na Berlim da época.

George Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em 1770, em Stuttgart. Entre 1778 e 1793, estudou no Seminário Protestante de Tübingen. Não se torna pastor; prefere ser preceptor na Suíça, de 1793 a 1796 e, depois em Frankfurt, de 1797 até 1800. Em 1801, se torna professor da Universidade de Viena.

Em 1806, o exército napoleônico invade a cidade e Hegel, cuja casa é saqueada, foge, salvando alguns pertences, entre os quais o manuscrito de *Fenomenologia do Espírito*, publicado no ano seguinte. Em 1831, quando Marx ainda era uma criança, morre vítima de cólera, em Berlim, durante uma epidemia da doença.

Destarte, vamos procurar entender melhor um pensamento que entrou em ebulição na sociedade a partir da teoria marxista: a dialética marxista baseada na dialética hegeliana. Dentro da problematização que envolve o tema, procurando discutir questões importantes para entender melhor a práxis marxista, analisar esses pensadores já é uma tarefa dialética e não apenas descritiva, responder exatamente não é nosso propósito, pois não existe resposta exata para explicar suas conjunturas históricas e filosóficas.

A teoria marxista tem um pensamento engajado e que consubstancia-se ao mesmo tempo com a velocidade das transformações estruturais e políticas da sociedade. Estudar Karl Marx a princípio é um convite a pensar reflexivamente sobre

pontos importantes que nos move. Vamos pensar: o que é a velha dialética ou a velha filosofia e em que direção essa forma de pensar assume uma nova visão, a visão da práxis em Marx? A filosofia trazida ao pensamento como dogma deve ser negada? O hegelianismo seria um dogma e como tal deve ser negado? Qual é o sentido e direcionamento da realidade para o pensamento de Hegel e Marx? Quais seus pressupostos filosóficos e científicos?

2 TEORIA E PRÁTICA EM KARL MARX: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA

A relação entre teoria e prática é uma relação dialética na medida em que se evolui e aprofunda a experiência do homem com a natureza. O objetivo nosso é procurar identificar na teoria de Karl Marx a força objetiva, motriz ou propulsora de mudança de realidade na sociedade.

Karl Marx, como sociólogo e economista que estudou o capitalismo, também aprofundou o seu pensamento no campo filosófico, analisando as influências da nova sociedade capitalista do seu tempo na vida da sociedade, podendo perceber, a partir desses estudos, que sua força econômica seria capaz de determinar o futuro social. Karl Marx procurou ver a sociedade como um todo, não apenas do ponto de vista subjetivo, daí sua teoria se tornar uma necessidade também prática e objetiva, utilizando-se de uma visão crítica sobre as subjetividades filosóficas. Necessitava então criar uma teoria que, além de interpretar o mundo, pudesse propor um novo caminho para a humanidade: o socialismo.

“Os filósofos se limitam a interpretar o mundo, cabe transformá-lo” (MARX, 1987, p. 163). Com esse diagnóstico sobre os filósofos e a filosofia de sua época, Karl Marx iniciou uma grande discussão a respeito dos homens que pensavam o mundo. Não era apenas uma crítica direcionada, era uma preocupação com a força e o direcionamento do pensamento desses filósofos, principalmente com as proposituras que essas interpretações sugeriam. Essa posição ficou clara na XI Tese contra Feuerbach.

Marx se insere e demonstra que na sociedade existem polos antagônicos e que, ao mesmo tempo, há uma inter-relação que explica o processo ou o progresso histórico. O principal objetivo de Marx com esse tópico foi chamar a atenção para a realidade da época e introduzir a discussão dessa realidade para o ensejo de uma transformação.

Os questionamentos da sociedade burguesa surgem com força maior com os manuscritos de 1844 de Marx. Engels, posteriormente, em seus estudos acerca do socialismo, de utópico para científico, fez um aprofundamento do conteúdo histórico dessas transformações, destacando o império da razão na formação e constituição do Estado moderno, com suas contradições que foram se avolumando e assumindo um processo de superação. Foi também o que aconteceu com a concepção socialista do mundo. “Os capitalistas não podem subsistir sem operários assalariados e, na mesma proporção em que o burguês medieval da corporação se desenvolveu até o burguês moderno, também o oficial da corporação se desenvolveu até proletário” (ENGELS, 1983, p. 130).

É por volta de 1800 que toda situação antagônica e, portanto, dialética, se encontra em ebulição. Para Engels, as soluções apresentadas nesta época se encontravam no campo da mera utopia por parte dos pensadores das camadas exploradas. Destaca Engels que: “Por este tempo, contudo, o modo de produção capitalista, e com ele a oposição entre burguesia e proletariado, estava ainda por desenvolver” (ENGELS, 1983, p. 132).

Com o desenvolvimento dialético, o fator conhecer e perceber as mudanças vai se aprofundando. E nessa tarefa os pensadores se valeram da dialética para entender a realidade contemporânea. Segundo a constatação de Engels, foi o pensador Saint-Simon que melhor compreendeu o movimento dialético do seu tempo, quando a Revolução Francesa anunciava uma nova ordem social. O pensador concluiu que a luta de classes nessa época não era só entre a nobreza e a burguesia. A classe social dos não possuidores, egressos do campo para a cidade, criava uma nova identidade de trabalhadores urbanos, demasiadamente explorados e de carente organização política. Uma luta intensa também era travada no campo ideológico com o crescimento da filosofia iluminista, que rompia com as ideologias medievais sustentadas pelo feudalismo e pela Igreja.

Nesse período, a burguesia era revolucionária e tinha o seu projeto de sociedade, mas, uma vez no poder, procurou manter-se e, nessa ótica, como comprova Engels em sua obra evolucionista, a realidade prática como resultado contradiz as ideias.

Vimos como os filósofos franceses do século XVIII, que abriram o caminho à revolução, apelavam para a razão como o juiz único de tudo o que existe. Pretendia-se instaurar um Estado racional, uma

sociedade ajustada à razão, e tudo quanto contradissesse a razão eterna deveria ser rechaçado sem nenhuma piedade. Vimos também que, na realidade, essa razão não era mais que o senso comum do homem idealizado da classe média que, precisamente então, se convertia em burguês. Por isso, quando a Revolução Francesa empreendeu a construção dessa sociedade e desse Estado da razão, redundou que as novas instituições, por mais racionais que fossem em comparação com as antigas distavam bastante da razão absoluta. O Estado da razão falira completamente. O contrato social de Rousseau tomara corpo na época do terror, e a burguesia perdida a fé na sua própria habilidade política, refugiou-se, primeiro na corrupção do Diretório e, por último, sob a égide do despotismo napoleônico (ENGELS, 1983, p. 32-33).

No seio da burguesia ascendente e das massas populares ganhavam força as ideias desses filósofos que, mesmo divergindo em vários pontos, sustentavam conjuntamente que o feudalismo era a ruína da sociedade. O sistema de produção feudal só servia para manter a vida de ostentação da Corte.

O pensamento dialético percebe o movimento, foi isto que o pensador Saint-Simon compreendeu ao analisar, como contemporâneo dos fatos, a Revolução Francesa, percebendo as mudanças dentro da própria realidade dos acontecimentos. Segundo Engels, essa é uma constatação realmente genial. É mais perceptível um objeto em sua inércia, com as limitações que o objeto traz e o passado com suas experiências. Esse aspecto também é destacado por Georges Politzer: “é mais fácil conceber as coisas no estado de repouso do que em movimento” (POLITZER, 1935, p. 61).

No caso dos acontecimentos, a contemporaneidade recebe sempre uma avalanche de fatos, para percebê-los, o sujeito tem que obrigatoriamente focar o raciocínio. No entanto, vivemos o atropelo de uma sociedade onde os acontecimentos se dão numa velocidade cada vez maior, parecendo e assumindo condições cada vez mais caóticas. Essa concepção de movimento é desenvolvida como tema desde a filosofia antiga. “Tudo é e também não é, pois tudo flui, está em permanente mudança, em permanente devir e perecer” (HERÁCLITO apud ENGELS, 1983, p. 143).

Antes das formulações científicas sobre a História, de Marx e Engels, que a concedeu o *status* de ciência histórica, caóticas também eram as concepções de mundo sem nenhuma organização que conseguisse dar luz à razão dos acontecimentos, onde as guerras eram qualificadas como eventos que mostravam apenas a brutalidade dos homens, através de guerras de conquistas, tidas, até

então, como forças propulsoras da história. Esta questão fica bastante evidente na obra *A Ideologia Alemã*, de Marx e de Engels, quando afirmam: “até agora considerou-se a violência, a guerra, o saque, o latrocínio etc., como a força propulsora da história” (MARX; ENGELS, 1996, p. 31). A história passa a ser analisada e entendida como a história das lutas de classes.

Na concepção hegeliana, a história é entendida como um processo ou desenvolvimento da humanidade. Desenvolvimento dialético do pensar filosófico. Notadamente, do entendimento da vida como um processo histórico. Neste propósito, a filosofia assumiu conteúdo científico em Hegel, que analisou o pensamento desde o seu viés empírico.

A opinião não concebe a diversidade dos sistemas filosóficos como o progressivo desenvolvimento da verdade, mas na diversidade vê apenas a contradição. O botão desaparece no desabrochar da flor, e pode-se dizer que é refutado pela flor. Igualmente, a flor se explica por meio do fruto como um falso existir da planta, e o fruto surge em lugar da flor como verdade da planta (HEGEL, 1988, p. 10).

Pensando em razão de uma verdade maior, “o absoluto não deve ser expresso em conceito, mas somente sentido e intuído [...] o verdadeiro é o todo” (HEGEL, 1988, p. 12-17).

Mas segundo o próprio Hegel, um todo imediatizado, efetivo e idealizado. “Mas o todo é somente a essência que atinge a completude por meio do seu desenvolvimento” (HEGEL, 1988, p. 17).

Um retorno a si sem o qual o todo só pode subsistir sem razão ou objetividade. Essa objetividade é uma relação do ser-para-si, cuja negatividade e contrariedade formam os discursos que completam a relação que forma a realidade, como um ciclo que redundando numa substância entendível. A realidade, para Hegel, é a ideia governante como um todo e as ideias que orbitam esse todo, que para ser completo também é contingente em relação à universalidade das ideias contingentes.

Vejamos a dialética do seu pensamento a partir desse trecho de sua obra:

A necessidade de representar o Absoluto como sujeito utilizou as proposições: Deus é o eterno, ou a ordem moral do mundo, ou o amor, etc... Nessas proposições, o verdadeiro é posto como sujeito apenas diretamente, mas não é representado como o movimento do refletir-se em si mesmo. Numa proposição dessa espécie começa-se com a palavra Deus. Tomada em si mesma, trata-se de um som sem

significação, de um simples nome. Apenas o predicado diz o que é Deus e é a sua plenitude e significação. Somente nesse fim o começo vazio torna-se um saber efetivo. Justamente por essa razão não se pode deixar de perguntar por que não se fala somente do Eterno, da ordem moral do mundo, etc., ou então, como os antigos o faziam, dos conceitos puros, do ser, do uno, etc..., em suma, do que tem significação, sem acrescentar, ademais, o som sem significação (HEGEL, 1988, p. 18-19).

Definitivamente, Hegel não é dogmático quando fala de Deus. Para Hegel, as ideias são a completude, seu aprofundamento, sem as quais a “coisa-em-si” se configuraria em palavra vaga, sem movimento, sem o devido aprofundamento se tornaria sem consistência e também sem negatividade. A negatividade é, pois, a dialética que se afirma progressivamente, se reafirma ou muda de direção. Em Hegel, a forma é completa no autoentendimento e dimensão do pensar, onde as ideias são soberanas e só elas podem mudar a realidade. Assim, “o saber somente é efetivo como ciência ou como sistema, e somente como tal pode ser exposto” (HEGEL, 1988, p. 19).

Para Marx, essa dialética de Hegel se configura como uma racionalização do espírito. Um pensamento que faz abstração da realidade e volta ao próprio homem. Esse é o mundo efetivo que o homem (ser humano), o indivíduo relaciona seu pensamento com o mundo e retorna a si.

[...] a lógica é o dinheiro do espírito, o valor pensado, especulativo, do homem e da natureza; [...] o espírito filosófico não é por sua vez senão o espírito alienado do mundo que pensa no interior de sua auto-alienação, isto é que se compreende a si mesmo abstrativamente (MARX, 1987, p. 201).

A relação do mundo abstrato e exterior com a efetivação do pensamento é uma relação do ser humano com o mundo exterior. A realidade exterior está alienada ao entendimento como consciência de si. Mas,

[...] são apenas a efetividade alienada da objetivação humana, das forças essenciais humanas nascidas para a ação e, por isso, apenas o caminho para a verdadeira efetividade humana –, esta apropriação ou compreensão deste processo, apresenta-se assim em Hegel de tal modo, que a sensibilidade, a religião, o poder do estado, etc., são essências espirituais, pois só o espírito é a verdadeira essência do homem, e a verdadeira forma do espírito é o espírito pensante, o espírito lógico, especulativo. A humanidade da natureza e da natureza produzida pela história, dos produtos do homem, aparece no fato de que eles são produtos do espírito abstrato e, portanto,

nessa mesma medida, momentos espirituais, seres de pensamento (MARX, 1987, p. 203).

Para Hegel, só o espírito pensante é a verdadeira essência do homem. Portanto, a coisa só é como tal porque é pensada, partindo da substância universal (religião e teologia). Feuerbach critica a filosofia pensada em função da religião, Marx tem em Feuerbach o crítico fundamental do pensamento dialético de Hegel e sua teoria idealista do conhecimento, na qual a consciência-de-si é alto suficiente para produzir a própria consciência e o movimento desta. O ser sensível para Hegel é a extensão do seu pensamento, como a coisa só é como tal porque é pensada, então, para Marx, baseado na fenomenologia hegeliana. “Um ser não objetivo é um não ser (unwesen)” (MARX, 1987, p. 207).

Para Marx, é necessário o homem formar uma nova consciência a respeito da sua realidade, para isto é necessário ter uma postura crítica diante da religião. Para Marx, a história e a filosofia são suportes que permitem ao homem o conhecimento da verdade do mundo, mostram um mundo sem máscaras ou fantasias, defendendo para isto um estudo crítico a respeito das “verdades” filosóficas. Nesse sentido, Marx, junto com Engels, toma o Estado alemão como fonte para suas análises e novamente retoma Feuerbach:

A “concepção” feuerbachiana do mundo sensível limita-se, de um lado, à simples contemplação deste último e, de outro lado, ao simples sentimento; ele diz “o homem” ao invés de dizer os “homens históricos reais”. “O homem” é na realidade “o alemão” (MARX; ENGELS, 1996, p. 66).

A Alemanha é vista por Marx e Engels como uma potência que se estabeleceu dentro de ambiguidades, contradições essas acentuadas em função dos interesses em jogo entre as diferentes camadas que integram a sociedade de raças, costumes e religiões diferentes. Ambos chamam a atenção para um objetivo comum para o Estado alemão: lutar para se libertar dos grilhões que pertencem ao antigo regime e que perduram como imperfeição na sociedade moderna, imperfeição essa revelada como continuidade que se acentua ao longo da história.

Outro destaque que Marx e Engels apontam como pressuposto para a formação do Estado alemão é o fato de que seus primórdios teóricos terem como base o pensamento filosófico, fazendo uma comparação e uma constatação entre a sociedade alemã e o mundo antigo, que cultivou no seu nascente o imaginário

mitológico. Eles enfatizam, de maneira crítica, a forma como os donos do poder na Alemanha viam o mundo.

Faltou, para a Alemanha, segundo eles, um engajamento e uma construção própria para tudo que preceituava o seu pensamento teórico-filosófico, notadamente no campo de visão do direito sobre o Estado moderno. Enquanto a Alemanha pensava o Estado moderno de uma forma avançada, a sua realidade política não seguia o mesmo ritmo de abstração dos seus pensadores, outras nações, atestam os autores, tiveram uma experiência prática com esses pensamentos. Basicamente, para eles, com base nos pensadores alemães e com certa apologia, esses formularam o que outras nações colocaram em prática.

[...] a filosofia francesa ao invés de despojar o Estado francês, germanizando os pensamentos franceses em lugar das províncias francesas. [...] proclamam, no domínio mundial da teoria, o domínio mundial da Alemanha. [...] Naturalmente, num país como a Alemanha, onde não ocorre senão um desenvolvimento histórico miserável, estes desenvolvimentos intelectuais, estas trivialidades glorificadas e ineficazes, servem naturalmente de substitutos para a ausência de desenvolvimento histórico: incrustam-se e têm que ser combatidos. Mas esta luta tem apenas importância local (MARX; ENGELS, 1996, p. 61; 65-66).

Marx e Engels colocam, desta forma, dois pontos importantes para o êxito de uma revolução numa sociedade como a Alemanha de sua época. Primeiro, a teoria para ser uma força material tem que penetrar nas massas, para haver essa penetração ela tem que atender as necessidades dessa coletividade. Segundo, eles apontam como caminho o rompimento com a religiosidade para o alcance de tal propósito, lembrando um fato passado, atribuindo a derrota dos camponeses na Alemanha à teologia.

Destacando, também, as posições opostas dos jovens e velhos hegelianos:

Os jovens e velhos hegelianos concordavam na crença no domínio da religião, dos conceitos e do universal no mundo existente. A única diferença era que uns combatiam como usurpação o domínio que os outros aclamavam como legítimo (MARX; ENGELS, 1996, p. 25).

Para os autores, cada classe social na Alemanha desejava uma emancipação própria e confrontavam-se entre si. Eles concluíram, como contemporâneos dos fatos, que o homem – que tem uma tarefa emancipadora de libertar a sociedade dos seus grilhões, sendo essa tarefa só possível através de uma prática libertadora – é

um agente transformador da sua própria realidade, tendo a filosofia como guia teórico e o proletariado como agente libertador na construção da nova sociedade.

Mas é importante ressaltar que o pensamento dialético de Hegel foi importante na formação do pensamento dialético de Marx, sendo esta constatação a própria dialética em sua atividade, colocando em evidência esse pensamento nos estudos da filosofia, fazendo uma contestação profunda que gerou um enorme debate a respeito do idealismo originado em Hegel. Um debate que contribuiu não só para a filosofia no meio acadêmico, mas também nas outras ciências e notadamente no campo da discussão política, alicerçado nas leis da dialética marxista, pois:

Marx chamou a atenção [...] para o fato de que as idéias nunca podem, por si mesmas, superar um determinado estado de coisas: podem apenas superar as *idéias* desse estado de coisas. *Idéias superam idéias*, e não, automaticamente, situações materiais. “As idéias nunca podem realizar nada – assinalou Marx – pois para a realização das idéias é preciso que os homens coloquem em ação uma força prática” (KONDER, 1998, p. 54-55).

As ideias basicamente só podem mudar outras ideias, ou seja, para a dialética materialista e marxista, é preciso mudar o mundo. Mudar as ideias para que outras ideias libertem o homem no mundo e concomitantemente negá-las em uma situação prática. Ele afirma o objetivo do seu sistema filosófico com base no conceito do materialismo histórico.

Esta concepção da história consiste, pois, em expor o processo real de produção, partindo da produção material da vida imediata; e em conceber a forma de intercâmbio conectada a este modo de produção e por ele engendrada [...] Não se trata, como na concepção idealista da história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer sempre sobre o solo da história real; não de explicar a práxis a partir da idéia, mas de explicar as formações ideológicas a partir da práxis material (MARX; ENGELS, 1996, p. 55-56).

A dialética marxista contribuiu nesse sentido para formulação de correntes de libertação dentro da realidade dos povos explorados, pois é nos estudos da realidade nacional, continental e de classes que emergiu dedicados pensadores dessas realidades. Esses pensaram basicamente o movimento socioeconômico que viviam e sentiam de perto como testemunhas presenciais, no laboratório maior das ciências humanas: a vida.

Konder, na sequência, reforça o conceito da dialética marxista com base em Hegel, quando afirmou que:

Marx utilizou à sua maneira o método de Hegel. Modificando-o substancialmente, aplicou-o à análise da evolução social da humanidade e chegou a conclusões revolucionárias. [...] Para Marx, a vida, na sociedade capitalista, apresenta numerosas contradições. A principal delas, porém, aquela que afeta de maneira mais constante e socialmente mais decisiva a existência dos indivíduos, é a contradição entre o trabalho e o capital, quer dizer, entre o proletariado e a burguesia. E a direção necessária à superação dessa contradição essencial da sociedade capitalista – segundo Marx – é a da ascensão revolucionária da classe operária, com a criação da sociedade socialista (KONDER, 1998, 51-52).

No campo ou na cidade, na inclusão ou na exclusão, nas perspectivas dos avanços ou retrocessos e também no campo ideológico, o pensar dialético apareceu sistematicamente, gerando debates e polêmicas sobre a concepção da história que emergiu do marxismo.

Se nada escapa ao movimento de transformação, as análises dialéticas da realidade desarmavam e, ao mesmo tempo, armavam os espíritos das correntes ideológicas da sociedade industrial emergente. Debates no campo filosófico, do que seria ciência, de quais os pressupostos podiam qualificar a filosofia e a história como ciência. Basicamente, essa era uma discussão no campo evolutivo do pensamento dialético, do devir que lhe é inerente e em oposição clara à concepção que considera a natureza como um conjunto de coisas estáticas, ou seja, a concepção metafísica do mundo, vistas de um ângulo totalmente diferente e que em relação às concepções dialéticas se encontravam em campos opostos.

A dialética de Hegel consiste exatamente no fato de, mesmo existindo uma verdade suprema (Deus), razão suprema na qual a “natureza concreta” ou histórica é percebida ou não, esses desígnios são reconhecidos ou não pelo pensador.

Depois da criação surge o homem. Ele constitui a antítese ao mundo natural, é o ser que se eleva até o segundo mundo. Temos dois reinos em nossa consciência universal, o reino da natureza e o reino do espírito. O reino do espírito consiste naquilo que é apresentado pelo homem. Pode-se ter todo tipo de idéias a respeito do reino de Deus, mas sempre haverá um reino do espírito para ser claramente compreendido e realizado no homem (HEGEL, 2001, p. 61).

Marx estuda Feuerbach analisando a crítica da crítica que o filósofo faz da dialética hegeliana. A crítica que Feuerbach faz é direta e incisiva, citando o

“pensamento religioso” como condutor, até aquele momento, da filosofia. Mas não é exatamente desta crítica direta que Marx, apesar de tecer elogio a Feuerbach, vai absorver na dialética de Hegel. É precisamente o caminho e o entendimento do movimento que faz o pensamento. Feuerbach faz a crítica, mas o pensamento direcionado cientificamente, segundo os próprios pressupostos de Hegel, quem renova segundo uma nova visão é Karl Marx.

Enquanto Feuerbach se retém a crítica, Marx vai mais além e cria um novo viés filosófico. Um sistema que propicia o pensador a compreender a sociedade segundo categorias materiais antagônicas. Neste contexto, existe a percepção de que o pensamento das coisas caminha conforme o entendimento e conhecimento sobre a coisa revelada.

A partir da noção dialética de Marx se tem a percepção que as transformações sociais tinham uma dinâmica maior que a percepção do pensador, e essa constatação tem a ver com as transformações históricas e seus momentos e naturalmente com o lugar do pensador e suas ideias. É neste sentido que ganha importância em Marx a crítica da crítica de Feuerbach em direção à dialética hegeliana. Ele esclarece o seu método dialético baseado na lógica de Hegel, enfatizando o aspecto do movimento oposto que realiza seu pensamento dentro do sistema filosófico que desenvolveu.

Meu próprio método dialético é não só fundamentalmente diferente do hegeliano, mas é diretamente oposto. Para Hegel, o processo de pensamento (que ele transforma realmente em um objeto independente, dando-lhe o nome de “idéia”) é o criador do que é real; e para ele o real é somente a manifestação exterior da idéia. No meu enfoque, pelo contrário, o ideal não é mais que o material quando foi trasladado e transposto à mente humana (MARX apud NOVACK, 2005, p. 90).

O que Marx propõe posteriormente à crítica feuerbachiana é uma negação a mais, na qual a realidade material se encarrega de concretizar. Retomando Feuerbach:

Feuerbach compreende, portanto, a negação da negação apenas como contradição da filosofia consigo mesma, como a filosofia que afirma a teologia (transcendência etc.) depois de tê-la negado. Por conseguinte, afirma-a em oposição a si mesma (MARX, 2004, p. 118).

Essa negação não pode subsistir apenas baseada em uma premissa lógica na qual a realidade se confirma em uma “filosofia futurista” com seus desdobramentos.

Conclui-se que Marx faz a crítica a Feuerbach no sentido que sua filosofia não elaborou um sistema filosófico, mesmo com o seu ponto de vista dialético. Lembrando que a dialética não é apenas um ponto de vista sobre dois pontos que dialogam, que exercem sentidos divergentes ou se explicam dentro de dualidades ou verdades, por exemplo, bonito ou feio, honesto ou desonesto, certo ou errado. A dialética trata da evolução, ela na filosofia marxista é a força que explica a evolução histórica através do materialismo histórico.

As realidades de Hegel, Feuerbach e Marx são distintas e neste contexto existe a realidade histórica que se supera e se confessa no mitiê de cada pensador. Essa relação do homem com sua atividade, que transforma a realidade histórica, da natureza, da pesquisa, entre outros, é uma relação circunstancial conforme o modo como ele produz a vida e de como a sociedade está constituída para favorecer o modo dessa produção. Falar especificamente da nossa realidade atual, que não é o nosso objetivo neste trabalho, é notar que existem mudanças na estrutura das relações do trabalho, sendo que a economia continua como eixo básico no qual a atividade humana está alienada.

Hegel destaca o lugar do pensador diante de um saber fenomenológico, absoluto, premissa capaz de compreender a realidade material como lugar “estranhado da essência humana”. Destaca Marx, ainda adiante, que essa apreensão da realidade em Hegel só acontece no pensamento. O retorno “para-si” se dá no encontro, que especula a realidade, com o “saber absoluto”. Mas é importante lembrar que esse saber é universal. “O movimento todo termina, assim, com o saber absoluto [...]” (MARX, 2004, p. 121).

[...] A grandeza da fenomenologia hegeliana e de seu resultado final – a dialética, a negatividade enquanto princípio motor e gerador – é que Hegel toma, por um lado, a autoprodução do homem como um processo, a objetivação (*vergegenständlichung*), como exteriorização (*entäusserung*) e supra sunção (*aufhebung*) dessa exteriorização, é que compreende a essência do trabalho e concebe o homem objetivo, verdadeiro, porque homem efetivo, como resultado do seu próprio trabalho (MARX, 2004, p. 121-123).

Segundo Marx, em Hegel o saber absoluto não é especulativo, em algum momento se encontra. A história em algum momento é a consciência-de-si. Marx chama esse processo como estranhamento da consciência-de-si consigo mesma. Se para Hegel existe uma verdade absoluta e efetiva, que recebe um processo de especulação dessa efetividade em-si. Para Marx, nessa verdade hegeliana como estranhamento aparece o homem como verdade-de-si. No entanto, Marx afirma que a realidade objetiva, efetiva da natureza humana não vem a ser uma qualidade da consciência-de-si, pois essa consciência não revela sua verdade. A verdade como essência humana objetiva já está posta. Pois a realidade histórica não é uma escolha como a ideologia o é, mesmo condicionada e enviesada a essência objetiva não muda simplesmente porque a pensamos.

Notadamente que estas concepções dialéticas não deixaram de assumir o pressuposto intencional de pretender ganhar caráter científico dentro de suas correntes de pensamento. Em Hegel, o pensamento é o espírito supremo do ser-em-si-mesmo, revelado diante de uma realidade de concepções e de métodos para encontrar a substância científica. Nesse sentido, para Marx, Hegel colocou a dialética de cabeça para baixo. O professor José Francisco de Melo Neto é bem claro quando aborda este ponto.

Marx vai realizar a inversão da dialética, colocando o objeto ou *dado* como primeiro, o natural imediato antes da consciência. Assegura a primazia dos conteúdos materiais ou históricos – as formas finitas da consciência – sobre as formas infinitas da mesma consciência. Mas, após a crítica ao movimento dialético no campo das idéias, em Hegel, pode-se perguntar qual é a dialética ou método de Marx (MELO NETO, 2001, p. 21).

Para Hegel, a experiência humana leva ao encontro de um objetivo supremo. Este acúmulo de experiências está intrinsicamente ligado aos atos de interesses individuais e coletivos.

Estes imensos acúmulos de vontades, interesses e atividades constituem os instrumentos e meios para que o espírito do mundo atinja o seu objetivo trazendo-o à consciência e percebendo o seu significado. Este objetivo não é outro senão a descoberta de si mesmo – a volta a si – e o contemplar-se na realidade concreta [...] a razão governa o mundo e, conseqüentemente, governou a sua história. Tudo o mais está subordinado, é subserviente a esta razão universal e material e são os meios para a sua realização. Além disso, a razão tem existência histórica imanente e atinge a sua perfeição nessa existência (HEGEL, 2001, p. 71).

Pressupomos que Hegel, ao distanciar o resultado do pensamento divino e soberano dos desígnios e paixões humanas, se distanciou também de objetivos ideológicos que outros pensadores se debruçaram, suas ideias iluminaram o caminho teórico do jovem Marx, que viu em Hegel a oportunidade de inverter a sua dialética, como já afirmamos. E, desta forma, deu ao seu pensamento, assim como Hegel, uma base científica sólida, sem se distanciar, deixaremos Hegel de lado nessa relação, entre ciência e ideologia. Uma relação que não pode jamais subordinar a primeira a segunda sem que haja coação ou algum empoderamento repressivo.

Ambos os pensadores vislumbraram em pensamentos opostos formas de libertação através e a partir da consciência. Também não é mais aceitável, como formulou a filosofia positivista, a concretização de uma ciência neutra, que venha limitar o próprio campo de pesquisa das ciências humanas, subordinando-as às ciências da natureza. Como se o pesquisador tivesse que abdicar de perceber os movimentos da história, tendo que se distanciar do lugar social para atender o ditame positivista. O lugar social, que é o seu laboratório, lugar de sua experiência e particularmente do seu olhar clínico em função da experiência que o indivíduo acumula diante do mundo. Ao tempo que não é mais possível negar os interesses de classe envolvidos nos laboratórios da vida, ressaltando que, mesmo as ciências da natureza, não tendo a princípio o viés ideológico claro e distinto que pode ser verificado nas ciências humanas. Com suas interpretações da realidade, a ciência da natureza passa pela elaboração de um cientista, e essa relação dialética não pode ser negada em nome de uma neutralidade inviável ou intenção disfarçada sob o lema de ordem e progresso. Mais adiante, abordaremos um pouco mais o positivismo.

3 UMA QUESTÃO DE TEMPORALIDADE: A EVOLUÇÃO DA TEORIA PARA A PRÁTICA

A humanidade, ao longo da história, e os filósofos, ao longo da história da filosofia, compilaram várias correntes de conhecimento. A esses conhecimentos poderíamos dizer se tratar de uma talvez “polialética”. Mas a denominação não basta para que a coisa ganhe forma e substância, é preciso que haja um aprofundamento e uma objetivação do assunto em cima de uma proposta. Não se

trata de limitação do enfoque, pois para o pensamento não existe fronteiras e muito menos argumentos suficientes.

Nesse sentido, como pode a filosofia ou uma corrente analítica ganhar a alcunha de científica? Como é o caso do marxismo e do materialismo histórico.

O que Marx formulou e pensou como dialética, a princípio, foi basicamente em cima das contradições históricas da sociedade. Sua proposta é o socialismo e o seu alcance depende da ação da classe trabalhadora como “motor” da história. A contradição básica, na realidade, é uma constatação fulminante de exploração da classe trabalhadora.

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (Menschenwelt). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (MARX, 1982, p. 80).

Perceber essa contradição no meio social é perceber o movimento inverso e atrativo também, porque a necessidade de sobrevivência faz com que o trabalhador se agarre cada vez com mais força em direção ao objeto que produz, objeto estranhado. Torna-se cada vez mais estranhado diante do que produz, porque ele se apequena na medida em que atribui valor ao produto, produz riqueza e impotência em meio ao ambiente de exploração que o cerca.

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador (MARX, 2004, p. 82).

É comum presenciarmos e escutarmos relatos de humilhação que o trabalhador é vítima e diante dessas humilhações o trabalhador se inclina em função da sobrevivência. É o que os capitalistas procuraram ao longo da história, fazer o trabalhador cada vez mais necessitado diante do objeto estranhado, que supervaloriza-se em movimento contrário à situação refém do ser em relação à

coisa, que ganha vida e lhe estranha também. A coisa tem determinações e sujeições a serem impostas, ouvidos, os olhos e as mãos algozes reguladas pelo sistema capitalista, que em seu início não tinha ainda leis trabalhistas. Em meio a essas situações, no início da Revolução Industrial, crianças chegavam a trabalhar até dezesseis horas por dia.

Em 1828, *The Lion*, uma revista radical para a época, publicou a incrível história de Robert Blincoe, uma das oito paupérrimas crianças que haviam sido enviadas para uma fábrica em Lowdham. Os meninos e as meninas – tinham todos cerca de dez anos – eram chicoteados dia e noite, não apenas pela menor falta, mas também para desestimular seu comportamento preguiçoso. E comparadas com as de uma fábrica em Litton, para onde Blincoe foi transferido a seguir, as condições de Lowdham eram quase humanas. Em Litton, as crianças disputavam com os porcos a lavagem que era jogada na lama para os bichos comerem; eram chutadas, socadas e abusadas sexualmente; o patrão delas, um tal de Ellice Needham, tinha o horrível hábito de beliscar as orelhas dos pequenos até que suas unhas se encontrassem através da carne. O capataz da fábrica era ainda pior. Penduravam Blincoe pelos pulsos por cima de uma máquina até que seus joelhos se dobrassem e então colocava pesos sobre seus ombros. A criança e seus pequenos companheiros de trabalho, viviam quase nus durante o gélido inverno e (aparentemente apenas por pura e gratuita brincadeira sádica) os dentes deles eram limidados! [...] Dezesseis horas de trabalho por dia era coisa comum, com os operários começando a trabalhar nas fábricas às oito horas da manhã e só voltando para casa às dez da noite (HEILBRONER, 1996, p. 101-102).

Fazer essas simples análises é perceber a dialética marxista não só como conceito, mas também como necessária para a superação de indignação da situação proletária.

A proposta do materialismo histórico e dialético é armar a classe trabalhadora de uma teoria que promova o impulso coletivo necessário que, mais adiante, redunde por suas próprias mãos em uma emancipação de classe, não sendo mais apenas uma emancipação de uma nacionalidade, mas universalmente dos trabalhadores.

A dialética de Marx não é pensada sobre a posição do homem no mundo, mas o mundo pensado segundo a posição (situação) do homem. Sua escolha é uma questão prática dialética. A filosofia começa no pensar, também é assim a proposta de mudança material, na qual o conceito teoria e prática versam simultaneamente e ganham conteúdo independente da ordem pensar e agir ou agir e pensar, porque a prática gera concomitantemente uma experiência que pode e serve ao pensamento

como uma análise prática da prática consequente. A distância entre a teoria e a prática é base para a discussão do seu conteúdo histórico e filosófico.

Nesse sentido, podemos fazer uma absolvição crítica da crítica recebida pelo marxismo, acusado de ser uma filosofia predeterminista em que seus críticos, manipulando argumentos em cima de fatos históricos, sempre procuraram detonar os preceitos socialistas de sua filosofia. Como dado podemos destacar a queda do muro de Berlim, em 1989. Com esse evento alguns teóricos se apressaram em procurar desqualificar rapidamente a teoria marxista enfatizando que aquele fato histórico “determinava o fim da história”, como por exemplo, a Teoria do Fim da História de Francis Fukuyama.

O fato de que uma filosofia corresponda a interesses sociais não se opõe, por princípio, a sua função cognitiva. Isso é evidente no marxismo. E não só não se opõe a ela, como, em alguns casos, e muito cristalinamente no caso do materialismo histórico, é justamente o interesse de classes, a perspectiva que este abre ao conhecimento, que o permite cumprir essa função, ou seja, atingir um conhecimento verdadeiro. Por isso não é justo estabelecer uma oposição radical entre o marxismo como ciência e o marxismo como ideologia (VAZQUEZ, 1977, p. 303-304).

Vazquez (1977) tem como injustiça o fato de o marxismo não poder ser negado como ciência, mas de ser refutado como ideologia. Vazquez (1977) tem como injusta essa separação, porque geralmente a ideologia pode servir de fumaça e esconder as intenções e na prática aprofundar desconfianças, como é o caso da “teoria do fim da História”, no caso do marxismo e o que pode negá-lo basicamente são as circunstâncias históricas, e foi na ciência histórica que o seu pensamento alcançou uma dimensão científica e a História como ciência.

Um sistema teórico como o materialismo histórico tem seu funcionamento na prática. No entanto, a realidade social gera desdobramentos diversos e a luta pelo poder justifica momentaneamente assertivas como o preconizado “fim da História”.

Diante de uma realidade efêmera, o cotidiano das transformações em alguns eventos tem uma efervescência histórica muito intensa, e, esses fatos históricos de dimensão norteadora de mudanças dos paradigmas se colocam também como paradigmas que direcionam a posição do pensador em seu meio social. Compreender, por exemplo, que o resultado da revolução francesa significou um avanço ou um retrocesso depende da visão do pensador, dessa forma, a relação com o passado histórico é uma relação de experiência viva e sempre uma evolução.

Se para o futuro da humanidade não existe uma determinação histórica, o passado, no entanto, não pode ser analisado em cima de suposições que poderiam fazer com que as coisas tomassem outros rumos.

O passado é uma realidade em constante comunicação com o presente e o presente é o momento incapturável diante do qual sua energia se converte constantemente em passado, ou seja, no seu oposto. Para o pensador, o passado não é mais uma escolha, no entanto, sua teoria e sua prática lhe remete a uma realidade, e em meio a essa realidade tendo ele como sujeito, a teoria e a prática são suas escolhas.

Isso difere muito dos pensadores que não analisam os fatos à luz de uma realidade da história, do concreto. Esse é, senão, o papel do método científico da visão materialista da história. Assim, toda pesquisa idealiza uma realidade futura, e as que mais evoluem atendem à necessidade da realidade socioeconômica da sua atualidade, como atesta Vasquez (1977):

A relação entre a produção, a técnica exigida por esta e a ciência varia de uma formação econômico-social a outra, e muda igualmente de acordo com o caráter e objetivo da ciência de que se trate. [...] As ciências que progridem mais rapidamente são aquelas cujo desenvolvimento constituem uma condição necessária do progresso técnico imposto pela produção, progresso que serve de mediação indispensável entre esta última e as ciências (VAZQUEZ, 1977, p. 216-218).

E para alcançar seu objetivo ideal, o pesquisador ou pensador tem que desempenhar uma prática como indivíduo motor de vontades e escolhas próprias, embora a sociedade apresente suas próprias práticas que terminam por impor seu ideal – esse mecanismo tem influência na conjuntura educacional de cada época. Mas, o resultado de tudo é sempre produto da dialética, porque esse resultado pode negar a própria teoria e suas hipóteses, nem que seja por um momento, e o método utilizado. Se uma opinião pode negar outra opinião, o resultado em si não pode ser negado, pois se trata de resposta baseada em estudos e o resultado é a experiência acumulada. Mas as opiniões em cima de um resultado dado são fáceis, o mais complicado e difícil é redirecionar as forças diante da contrariedade e da negatividade, outros caminhos, no entanto, são naturalmente buscados para preencher o espaço deixado pelas hipóteses negadas pelo resultado prático e real.

A experiência acumulada no marxismo com seus reveses históricos geram um grande descompasso, já que a experiência e a prática ficam equidistantes na falta de um caminho comum diante da negatividade, como o fato da queda do muro de Berlim. Esse fato não é suficiente para negar a teoria marxista, o fato em si não explica toda complexidade social e luta de classes, a opinião baseada no fato explica o lugar do pensador. O lugar da teoria e sua relação com a prática é complexo, como para tal a necessidade da construção do conhecimento teórico está para além das hipóteses em cima dos fatos históricos.

Retomando Feuerbach, que isola o seu pensamento enquanto crítica da filosofia de Hegel, rompendo principalmente com a religião, mas não apresentando proposta metacrítica. Uma proposta metacrítica vem a ser uma relação da teoria com a prática. A crítica construtiva é viável por possuir conteúdo e penetração cognitiva, como é o caso da crítica feuerbachiana e sua relação de valor com a realidade prática. Uma proposta metacrítica consiste que, através do entendimento do significado, possa se engendrar mudanças de atitudes.

Feuerbach foi substancioso nas suas críticas, tanto que Marx utilizou-se dos seus prelados, que contribuíram com o desenvolvimento cognoscível da dialética para a filosofia. Mas, no âmbito da teoria e da prática a crítica em si não é suficiente para resultar em evolução.

Feuerbach fica no campo da crítica, como é uma crítica com fundamento, tem valor filosófico. Mas as ideias que discutem e refutam ideias, para Marx, não passam de abstração, portanto, Feuerbach faz uma abstração do pensamento de Hegel sem sistematizar uma proposta metacrítica. Quando Feuerbach rompeu com o pensamento de Hegel, o fez procurando estabelecer uma realidade através das suas posições e ideias. Será que conseguiu?

A julgar por sua contribuição, não podemos ter uma resposta negativa, pois assim incorreríamos em um erro determinista e criticista, achando que as ideias que mudam ideias não mudam também a realidade em que se insere o ser pensante. Achando também que o filósofo é um ser pensante dissociado do movimento do mundo, só sendo escutado por aqueles que param para estudar sua produção. Negativo, a visão que se tem daqueles que se dedicam a pensar a realidade contribui para mostrar o quanto estranhado o ser pode ficar diante da realidade que se passa ao seu redor.

O esforço para compreender a realidade em si e não transformá-la não tem substância em Feuerbach e Marx. Em Hegel, a realidade pode ser transformada, onde está a sua dialética? Em Hegel, a realidade deve ser buscada com esforço e trabalho cognoscível. Neste sentido, não é possível negar a cientificidade em Hegel, pois não só sua sistematização do pensamento filosófico que elaborou constata, como também sua intenção é clara.

O prefácio à Fenomenologia foi escrito por Hegel nos primeiros dias do ano de 1807, em Bamberg, onde corrigia as provas para a edição da obra. É, pois, mais propriamente um posfácio, no que diz respeito à Fenomenologia, e constitui, na realidade, uma grandiosa introdução ao sistema da ciência que Hegel projetava publicar na época, e do qual a Fenomenologia seria justamente a primeira parte [...] (HEGEL, 1988, p. 9).

Recapitulando, novamente, o positivismo veio como uma certa imposição para as ciências humanas, com sua ideia de progresso. O professor historiador Astor Antônio Diehl nos relata o dilema conduzido pelo seu antagonismo no seio da própria ideia de progresso.

Assim também, a legitimidade histórica passa a depender de um tempo que avança, incessantemente como se fosse uma flecha disparada, sem que saiba rigorosamente qual a direção que ela está tomando. [...] O progresso será sempre o progresso da ciência, da ciência moderna, da ciência que se movimenta e se transforma juntamente com o tempo, cujo fundamento foi fornecido pelo modelo clássico, na tentativa de garantir que a posteridade não nos reserve abismos e tragédias. [...] Através da industrialização, fora transformada a dependência humana da natureza em uma relação de domínio sobre essa (DIEHL, 2002, p. 28-30).

Desta forma, o positivismo contribuiu para aprofundar ainda mais o debate em torno do tema, isto é um fato dialético e que revela as contradições na prática através do processo histórico. O positivismo atribui só aos documentos oficiais fonte científica para a comprovação de um fato histórico com valor científico. No Brasil, dentro de uma visão eurocentrista, o positivismo influenciou a forma de pesquisa e o sistema educacional como um todo.

Positivisticamente, no entanto, a ciência deveria substituir as tradicionais matérias humanísticas herdadas dos jesuítas e, principalmente, substituir a filosofia, a metafísica e a teologia. A disciplina humana realmente “objetiva”, “científica”, “real e concreta”, passa a ser a sociologia. Ela é que desvenda as leis maiores do desenvolvimento das sociedades e do ser humano.

Consequentemente, uma visão extremamente reducionista, cientificista e determinista se impõe: é necessário, por esta ótica, “ordem e progresso” (SANTOS, 1993, p. 4-5).

Esse viés científico difundido pelos seus pensadores não só era uma resposta à evolução das ciências humanas, como negação que afirmava, ao mesmo tempo, e que contribuiu para evoluir a história como ciência, mesmo se afastando da filosofia da História.

Então os fatos são ligados por idéias ou leis gerais de uma ordem inteiramente positiva, sugeridas ou confirmadas pelos próprios fatos e que, muitas vezes, não passam de fatos bastante gerais que se transformam em princípios. Procura-se sempre reduzi-los ao menor número possível, mas sem instituir nenhuma hipótese que não seja de natureza a ser verificada algum dia pela observação e deixando de considerá-los, em qualquer caso, senão como um meio de expressão geral para os fenômenos (COMTE, 1822, p. 46).

Essa redução do positivismo de Comte é basicamente uma dependência do fato ao documento preciso, ao relegar as hipóteses na observação, o pensador se anula enquanto ser pensante. Na observação de Comte, o pensador volta sua atenção para a formulação de um conceito de verdade, com este método o positivismo tem o intuito de regular o meio social e político, sua moral é eminentemente estatal, confessa Durkheim.

Pode explicar-se deste modo esta espécie de necessidade que experimentamos, e da qual temos consciência, quando emitimos julgamentos de valor: sentimos perfeitamente que não somos donos de nossas apreciações, mas que estamos, pelo contrário, atados e obrigados. É a consciência pública que nos amarra (DURKHEIM, 1994, p. 127).

Diferentemente destas concepções positivistas, é a consciência do ser no seu lugar social, sua posição diante da realidade e suas escolhas, escolhas que estabelecem sua consciência diante da realidade. Sua posição é como um falso existir da realidade do ser, a realidade surge no ser como verdade humana. Para além destes pressupostos, na dialética marxista o homem é produto da realidade material, seu resultado é o diálogo histórico da teoria com a prática.

Marx e Engels não combinaram, o fato é que o desenvolvimento dialético ocorreu a partir de Hegel e seus estudos, sendo um dos maiores marcos da história da filosofia, pois, provavelmente, sem Hegel não haveria tal evolução, e sem Feuerbach certamente a crítica ao idealismo hegeliano não seria tão clara para Marx

ou através de suas obras. Na verdade, Hegel e Feuerbach foram os grandes ingredientes de Marx e Engels para fazer ebulir as ciências sociais e provocar mudanças, racionalizar a realidade histórica e a prática. George Novack destaca, resumidamente, sobre o pensamento de Hegel: “Ele sustentava que as coisas reais eram somente realizações imperfeitas da idéia absoluta e suas manifestações” (NOVACK, 2006, p. 89).

Hegel defendia uma evolução para as ideias. A realidade material para ele era periférica e dependente do movimento das ideias para existirem, ou seja, as ideias carregam a realidade. Concluímos que proporcionalmente sim, sendo que é na força da relação do materialismo histórico e dialético que as ideias se pautaram. As ideias são parte da realidade ao passo que a realidade convoca para o diálogo, principalmente a realidade dos não possuidores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, sobre o conceito de teoria e prática em Marx, tinha como objetivo inicial fazer uma breve apresentação teórica dos fundamentos desses conceitos marxistas. No andamento das análises dos textos citados e obras históricas de Marx e Hegel, vimos a necessidade de abrir e reabrir uma série de textos e questões para poder fazer uma apresentação mais concisa dos estudos.

Foi preciso fazer um resgate dos textos de Marx, Hegel e do posicionamento de Feuerbach para evidenciar como estes teóricos discutiam a questão da teoria e da prática e sua relação necessária com a dialética.

Recapitulando o nosso método, ao longo dos estudos, questões como movimento dialético, materialista, luta de classes, cientificidade, ideologia, temporalidade foram identificadas. Percebemos haver a necessidade de aprofundar outras fontes e fatos sobre as questões, logo fomos diretamente aos textos de Marx para embasar nosso estudo, que teve como base no início dos nossos estudos a sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos*.

Em decorrência da nossa proposta, foi imprescindível problematizar, para atender ao que nos propomos, a teoria e a prática dialética baseando-se nos estudos dos filósofos Hegel e Marx. Não seria possível compreender a dialética marxista sem perceber a ideia central no pensamento de Hegel, e,

concomitantemente o papel que exercia outros pensadores nas conjunturas sociais em que se ebuliram esses pensamentos.

Fizemos a relação do pensamento de Marx com as análises de Hegel, contidas nas suas obras “Fenomenologia do Espírito” e “A Razão na História”, tomando esse aspecto específico para entender as formulações de Marx, na sua teoria e prática, fundamentada na XI Tese contra Feuerbach. Portanto, não basta interpretar o mundo, contudo, cabe transformá-lo, a partir da ação revolucionária e prática no mundo material. Por fim, foram expostas as relações históricas que envolveram tantos estudos e que sintetizou, na prática, a teoria da luta de classes.

REFERÊNCIAS

COMTE, Augusto. Reorganizar a sociedade. Tradução: Antonio Geraldo da Silva. **Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal**. São Paulo: Escala, 1822.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. Tradução de Paulo J. B. San Martin. São Paulo: Ícone, 1994.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1983.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A fenomenologia do espírito: introdução à história da filosofia**. Tradução de Orlando Vitorino, Henrique Claudio de Lima Vaz, Antônio Pinto de Carvalho. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

HEILBRONER, Robert L. **A história do pensamento econômico**. Tradução de Therezinha M. Deutsch e Sylvio Deutsch. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Traduções de José Carlos Bruni. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução e notas Jesus Ranieri. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã (I – Feuerbach)**. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 10. ed. São Paulo: Editoria Hucitec, 1996.

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão universitária: uma análise crítica.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

NOVACK, George. **Introdução à lógica marxista.** São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.

POLITZER, Georges. **Os princípios elementares da filosofia.** Paris: Universidade Operária, 1935.

SANTOS, Marcos Ferreira. **A educação brasileira na primeira república: o “doutor” positivista.** São Paulo: Faculdade Marcelo Tupinambá, 1993.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.